

Lutas, Artes Marciais e Modalidades Esportivas de Combate (L/AM/MEC): esboço comparativo em Antropologia das práticas esportivas¹

Carlos Eduardo Costa

(LELuS – UFSCar)

Resumo

Este capítulo propõe o desenvolvimento de trabalhos em torno de uma linha de pesquisa que se consolida etnográfica e conceitualmente, a Antropologia das práticas esportivas. Nosso foco será uma abordagem comparativa entre distintas formas de armistícios, ressignificações nos usos de armas e o universo das Lutas, Artes Marciais e Modalidades Esportivas de Combate (L/AM/MEC). A proposta é destacar proximidades e diferenças entre modalidades esportivas de combate, tendo a luta corporal *kindene* e as disputas nos dardos *jawari* como referência, desde o contexto etnográfico do Alto Xingu, MT/BR. Nosso caminho, após melhor elucidar o universo das artes marciais disputadas ritualmente no Alto Xingu, seguirá por uma breve análise comparativa entre modalidades esportivas de combate que, apesar de suas distâncias geográficas, simbólicas, contextuais, passaram por esportificações técnicas em determinados momentos históricos. Na literatura produzida no Brasil, judô e capoeira são as modalidades mais trabalhadas, assim como o boxe, a “nobre arte”. De maneira mais ampla, pretendemos demonstrar que as artes marciais são formas integradas de manifestações artísticas realizadas a partir dos contextos em que são vividas, somando pinturas corporais, vestimentas, universo musical, danças típicas e performances próprias a cada uma delas. Além, é claro, da codificação das práticas e do abandono e ressignificação de instrumentos usados como armas.

Palavras-chave: *Antropologia das práticas esportivas; Alto Xingu; Lutas, Artes Marciais e Modalidades Esportivas de Combate*

¹ Trabalho apresentado no GT 13: Antropologia das práticas esportivas e de lazer, na 34^o Reunião Brasileira de Antropologia (Ano 2024).

Aquecimento

O tema que vamos trabalhar neste capítulo insere-se no desenvolvimento de uma linha de pesquisa que tem sido acomodada no inscricor Antropologia das práticas esportivas (Toledo e Costa 2009, 2022, 2023, 2024). Nosso objetivo é demonstrar que, do ponto de vista metodológico, a variedade etnográfica construída em torno deste referencial pode nos ajudar a pensar outro universo relacional, menos presente no debate antropológico, ainda assim, com inúmeras possibilidades vindouras: o mundo das Lutas, Artes Marciais e Modalidades Esportivas de Combate (L/AM/MEC).

Embora sem nos aprofundarmos nesse debate teórico, e em conformidade com a expansão temática que a expressão pretende, vamos trazer as L/AM/MEC para este “guarda-chuvas” conceitual. Vejamos:

As lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate (L/AM/MEC) implicam um universo amplo de manifestações antropológicas de natureza multidimensional e complexa. Como um conjunto de práticas socioculturais proveniente de um espectro diversificado de demandas históricas específicas, é possível identificar uma pluralidade muito patente nas suas diferentes configurações sociais, formas de expressão, repertório técnico, linguagens, organização e institucionalização. Nesta perspectiva, as lutas e as artes marciais podem ser vistas como construções identificadas e inerentes ao patrimônio cultural de diversos povos e, sobretudo, como um fenômeno relevante inserido na dinâmica da sociedade contemporânea e no processo da globalização (Correia & Franchini, 2010: 2).

Esta definição, tomada de empréstimo ao vocabulário da Educação Física e Esportes, evidencia a vastidão do tema. A perspectiva comparativa enseja discussões pertinentes, seja através dos repertórios técnicos, das origens históricas e mitológicas, das práticas torcedoras, tanto ao nível próprio de cada combate, como para tomá-los em relação. É o que aqui nos propomos, partindo do contexto das artes marciais alto-xinguanas, a luta corporal *kindene* e os dardos *jawari* (Costa 2022). Trabalharemos questões antropológicas ao relacionar tais práticas nativas com outras modalidades esportivas de combate, como o boxe, o judô e a capoeira. Lutas que se encontram presentes em boa parte do mundo, expandindo performances e estilos de vida.

As pesquisas que guiam nossos argumentos foram realizadas com o povo Kalapalo, da aldeia Tanguro, na Terra Indígena do Xingu (TIX), MT/BR. A região do Alto Xingu é conhecida por sua formação multiétnica e multilinguística, com ênfase nos regimes de trocas matrimoniais, comerciais e cerimoniais, o chamado “tripé relacional”,

que passou a ocupar o lugar da guerra como modelo de relacionamento interétnico, principalmente após a delimitação da TIX na década de 1960, processo conhecido como “xinguanização” (Menget 1978; Gregor 1990; Menezes Bastos 1989)².

Algumas dessas transformações, tratadas analiticamente segundo as relações entre guerra e ritual, dinamizam as rusgas e as rivalidades políticas que se mantêm, apesar do conhecido armistício regional. Não somente no campo teórico, mas também discursos nativos enaltecem que, enquanto outras populações indígenas fazem guerras, os alto-xinguanos trocam presentes, realizam manifestações artísticas, musicais, danças e disputam modalidades de combates corporais, notadamente durante os rituais pós-funerários³.

A luta *kindene* e os dardos *jawari* ajudam a promover as interações entre esses povos e seus vizinhos, de modo que os combates passam a ser delimitados pelo tempo e espaço do ritual. Neste complexo regional, o gradiente da alteridade pode ser mensurado em: *kuge* (“gente”, pessoas que partilham os mesmos modos de vida), *ngikogo* (“outros perigosos”, povos violentos); e os *kagaihas* (“brancos”). Saber lutar, e todo o conhecimento envolvido no processo de fabricação corporal para a formação de um campeão (Costa 2020), é essencial para ser “gente”, ou seja, fazer parte do complexo cerimonial, convidar e ser convidado para a participação nos rituais que se encerram com as lutas esportivas.

Nosso caminho, após melhor elucidar o universo das artes marciais no Alto Xingu, seguirá para uma breve análise comparativa entre lutas que, apesar de suas distâncias geográficas, simbólicas, contextuais, passaram por esportificações técnicas e ressignificações no uso das armas em determinados momentos históricos. Portanto, nossa proposta é evidenciar as associações entre a rica diversidade etnográfica e as sofisticadas abordagens teóricas em torno das L/AM/MEC para coloca-las em relação, procedimento que também nos é conhecido quando falamos sobre práticas esportivas.

² Os povos que fazem parte deste complexo regional são Kalapalo, Kuikuro, Matipu, Nahukua (karib); Yawalapiti, Mehinaku, Wauja (aruak); Aweti e Kamayurá (tupi). A etnohistória varia de acordo com os povos, seus deslocamentos, guerras contra povos vizinhos e a importância dos lugares ocupados em relação com a chefia (Basso 1973; Coelho 1993; Fausto 2007, 2017; Guerreiro 2012).

³ São dois os principais rituais pós-funerários, o *egitsü*, em que se realizam as lutas *kindene*, e o *jawari*, em que são disputados os dardos de mesmo nome. O *egitsü* é de origem aruak/karib e o *jawari*, tupi. Para uma análise comparativa desses rituais, Menezes Bastos (1989).

Artes marciais: o fascínio dos combates codificados

Apesar da pouca atenção dada pela Antropologia ao universo das artes marciais, alguns trabalhos já apontaram caminhos etnográficos para se compreender os campos que compõem essas variadas modalidades. O ethos da masculinidade e construção social da identidade masculina entre praticantes de kickboxing (Gastaldo, 1995); o impacto causado pelo jiu-jitsu no circuito mundial de lutas (Souto Maior, 2020); a cosmologia que envolve a capoeira, Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade e a luta contra a dominação colonial e racial (Braga 2017); as artes marciais orientais (Turelli, 2008). Por certo, tais referências não comportam toda a produção em torno desse multifacetado universo. Complementarmente, destacamos o volume dedicado às artes marciais da revista “*Actes de la recherche en sciences sociales, n°179: Pratiques martiales et sports de combat*”, com artigos variados e complementares.

Entretanto, nenhuma modalidade recebeu mais atenção por parte de pesquisadores e entusiastas do que o boxe, “a nobre arte”⁴. A literatura sobre os grandes campeões, os torneios, as rivalidades, as relações raciais, são todos temas que não caberiam em nossos limites, mas que podem ser facilmente consultados devido a premência dessa modalidade quando se trata de pesquisas acadêmicas, jornalísticas e produções áudio-cinematográficas. Um sem número de campeões, reais ou fictícios, tiveram suas vidas retratadas nas telas dos cinemas, séries, livros, músicas.

Na Antropologia, ressaltamos a obra de L. Wacquant “De corpo e alma” (2002), em que se elevam os limites dos aprendizados etnográficos ao se colocar o próprio corpo como ferramenta de absorção dos conhecimentos nativos. O que fez do autor um aspirante a lutador, tendo, inclusive, disputado competições importantes como a “Golden Gloves”, torneio de iniciantes que revelou grandes nomes para o estrelato.

No Brasil, menção ao trabalho de J. P. Florenzano sobre diversificados componentes da vida de Muhammad Ali e como essa análise biográfica pode se misturar com diferentes aspectos da vida social e cultural de um país. Se o tema inicial são as relações raciais, que permanecem em constantes tensões durante toda a abordagem, outros assuntos são trazidos para a análise dando a perspectiva geral de como o boxe,

⁴ Ao que valeria aprofundar sobre as lutas de boxe cada vez mais comuns entre “personalidades”, “famosos” e ex-lutadores que são destaques no entretenimento internacional, gerando fortunas com patrocínios, premiações e direitos de imagem. Por que é através do boxe que pessoas com pouca ou nenhuma relação anterior com o mundo das lutas se desafiam nesse duelo codificado?

através de uma de suas figuras mais icônicas, pode ser uma maneira de se compreender os tempos e as distintas realidades sociais. De suas glórias olímpicas, passando pelas disputas políticas envolvendo a guerra do Vietnã e o racismo, até mesmo as disputas pelos cinturões mundiais e as rivalidades que marcaram sua carreira (Florenzano, 2020)⁵.

Este breve levantamento apenas inicia um panorama desde a perspectiva antropológica. Apesar de amplamente presente no universo esportivo, o tema das lutas recebe poucas atenções conceituais. Cenário parecido, aliás, com o qual nos deparamos ao colocar as artes marciais alto-xinguanas no debate etnológico, principalmente a partir dos momentos rituais em que ela é disputada. Esse caráter de epifenômeno analítico não condiz com a centralidade dos combates, com o deslumbre que as modalidades esportivas de combate exercem onde quer que sejam disputadas.

Por conta deste desnível entre o interesse do público geral e as análises específicas, pretendemos alargar o volume de dados relativos às L/AM/MEC em diferentes contextos para que sejam mais condizentes com a admiração e apreço por elas recebidos. Aprimorar os entendimentos sobre modos e situações em que tais disputas estão atreladas a outros universos relacionais, através de um conjunto de fatores que passam pelo regramento, performances, habilidades técnicas, limites espaço/temporais, enfim, disputas marcadas pelo referido processo de codificação, em que os inimigos passam a ser adversários:

O encontro cara a cara de dois homens sintetiza, até de forma caricatural, os embates geopolíticos da época. A luta codificada, talvez mais do que outras atividades físicas, acaba por carregar uma dimensão inegável de identificação e simbolização. Na verdade, o combate apresenta explicitamente habilidades bélicas: um valor combativo, um gosto pelo confronto e a fúria para vencer. (Gaudin, 2009: 31. Trad. nossa).

Isto posto, perguntamos, o que a luta alto-xingwana, o judô, o boxe, a capoeira, e outras artes marciais, teriam em comum? E de diferentes? Se for possível uma abstração inicial relativa aos diferentes contextos, são formas de combate corporal entre dois oponentes, utilizando-se apenas de seus corpos, segundo regras especificamente pensadas e elaboradas no sentido de dar fruição ao combate. A codificação garante que certo “espírito esportivo” prevaleça e que ao final existam apenas vencedores e vencidos e não mais vivos e mortos, como era a marca de confrontos em outros tempos e que usavam

⁵ <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/a-cena-do-boxe-o-bad-boy-e-o-bom-moco/>.

técnicas semelhantes – em quaisquer desses contextos, seja o Japão Feudal, o escravizado negro no Brasil ou os indígenas do Brasil Central.

Essas lutas transformaram os usos da violência descontrolada entre os inimigos, internalizando um ethos que determina a realização das refregas em termos reconhecidos e ditados pelo tempo e espaço do combate. Atletas altamente preparados que devem passar por longos períodos de treinamentos específicos visando a melhor condição física e técnica para a construção dos corpos. Existência de treinadores, que são chamados “mestres” e que somente atingem tal posição após uma vida dedicada à prática. As emoções que conectam lutadores e suas torcidas, promovendo identificações, comemorações e frustrações nos planos individual e coletivo.

Ao fazer um levantamento sobre diferentes modalidades de lutas corporais, aqui chamadas por *wrestling*, P. Hayes chega a definições parecidas com as quais estamos trabalhando, seja de modo etnográfico via a “xinguanização”, seja pelo viés conceitual da “codificação”:

Wrestling pode ser entendida como qualquer arte marcial desarmada e de contato total com o corpo, com regras específicas que regem como vencer ou perder, e táticas e técnicas permitidas: todas realizadas em contextos controlados que a distinguem do conflito (armado) ou da briga (desarmada). Diversas formas de *wrestling* foram documentadas em todo o mundo, cada uma com suas próprias técnicas, organização social e significado cultural. (Hayes 2021: 3. Trad. nossa).

Tanto a questão do regramento espaço/temporal dos combates, o desarmamento ou ressignificação de seus usos, os movimentos e gestos permitidos e controlados, as diferenças organizacionais, técnicas, culturais, são todas características comuns ao universo das L/AM/MEC. Nessa perspectiva, a diversificação etnográfica é tomada conjuntamente com as similaridades evidentes. Devido ao caráter um tanto experimental da abordagem proposta, as lutas aqui trabalhadas foram selecionadas de acordo com alguma produção bibliográfica, apesar da enormidade de combates encontrados nas mais diferentes civilizações e que poderiam ser tomadas comparativamente. Começemos com a *kindene* e o *jawari* alto-xinguanos.

Kindene e jawari: corporalidade, artes marciais e xinguanização

As artes marciais alto-xinguanas são artes do/no corpo, tema central de interesse reflexivo, o referido “idioma simbólico da corporalidade” que redefiniu os rumos da

pesquisa etnológica na América do Sul (Overing 1977; Viveiros de Castro 1979; Seeger et al 1979). Através do entendimento sobre os enfrentamentos realizados ritualmente, propomos lidar com a reconhecida “pacificação” entre esses povos, a “xinguanização”. Sinteticamente, a xinguanização trata de um contexto regional de ausência de conflitos bélicos em nome de um conjunto de trocas (econômicas, matrimoniais e cerimoniais) e de uma etiqueta que abomina qualquer tipo de demonstração pública de violência: a *pax xinguana*.

Os confrontos cerimoniais interétnicos via *kindene* encerram o principal ritual regional, o *egitsü*, um ciclo de atividades pós-funerárias em homenagem aos grandes chefes falecidos. Mais conhecido como Quarup, o ritual recebeu diversificada atenção, especificando temas e abordagens etnográficas (Agostinho 1974; Guerreiro 2012; Costa 2013; Fausto 2017; Almeida 2023).

A *kindene* é o encerramento, momento máximo deste ciclo ritual em que toda a alteridade regional está reunida num mesmo lugar, ao mesmo tempo. Os confrontos ocorrem numa manhã de domingo, opondo os anfitriões e seus aliados aos convidados de ocasião. A divisão das lutas opera de modo a enfatizar o aspecto definidor que envolve toda a cosmopolítica regional: a chefia. Os campeões, lutadores oriundos de famílias de chefes, lutam antes que os demais, a partir de uma estratificação em que o principal de cada time faça o primeiro combate, seja o primeiro (*hotugui*). Aproximadamente 10-15 lutas entre os campeões ocorrem uma de cada vez, exibindo as melhores performances dos futuros chefes que se rivalizam.

Após o encerramento das lutas principais, os demais lutadores tomam o pátio central e disputam ao mesmo tempo, uma luta por sobre a outra, com os competidores alternando adversários. Depois das lutas entre os campeões e das lutas coletivas, o chefe dono do ritual chama seus lutadores e tem início outro confronto, contra outro povo convidado, procedendo novamente toda a formalidade ritual: apresentação dos campeões, lutas entre os primeiros, e lutas coletivas. Assim é, até que os anfitriões tenham se defrontado contra todos os povos convidados, um de cada vez, o que aumenta consideravelmente o número de lutas feitas pelos campeões anfitriões – algo que ajuda no entendimento do empate ser amplamente o resultado mais recorrente (Costa 2023).

Existem duas principais formas de vencer o oponente: agarrar sua perna na parte de trás, ou segurá-lo e aplicar algum golpe de arremesso. A *kindene* apresenta um estilo

grapling no qual os competidores se encaram numa performance inicial típica, esgrimam-se com o objetivo de tomar a nuca de seu oponente para dominá-lo e alcançar sua perna e/ou derrubá-lo. É um combate rápido e intenso, com lutas curtas que não recebem nenhum tipo de mediação externa para parar ou continuar, tampouco avaliação oficial sobre quaisquer resultados. Nos golpes de arremesso, em que fica claro o vencedor, sua torcida canta empolgadamente, enquanto o campeão hesita entre extravasar sua alegria e o comedimento necessário imposto pelo respeito (*ihütsu*). Já nos golpes em que um lutador toca o outro na parte posterior da perna, a distância entre lutadores e torcedores deixa margens para dúvidas, intensificando rivalidades e inflamando a ambiguidade perigosa que ali se enfrenta, transferindo para os gritos das torcidas a disputa lutada, através de um contínuo entre lutar/olhar/torcer, na figura do “olhador” (*nginiko*). Os *inginiko* são mestres mais velhos, representantes de cada time, que ficam próximos aos combates e incentivam a torcida a cada golpe duvidoso (Costa 2021).

Essas relações entre lutadores e torcidas, rivalidades e alianças, são melhores percebidas nos rituais *egitsü* e nas lutas que o encerram. Todavia, em outros momentos de relacionamentos interétnicos essa tensão também é vivida, como nos rituais do *jawari*. As disputas do *jawari* e todo o complexo músico-ritual que o englobam foram investigados nos trabalhos de Menezes Bastos (1993; 2001) e I. Penoni (2010). Antes ainda, E. Galvão descreveu o uso do propulsor – com o qual se atira os dardos – e os preparativos para a disputa que, resumidamente, consiste no arremesso de dardos em seu oponente que deve desviar ou bloqueá-los, hora com escudos hora com os seus próprios dardos. Estes são feitos de bambu e recebem um coco na ponta revestido com resina. Segundo Galvão: “O propulsor, como os dardos que lhe servem, tem, pelo menos atualmente, uso exclusivamente cerimonial-desportivo.” ([1950] 1979: 41).

No Alto Xingu, ao tratar do tema das artes marciais e disputas interétnicas, autores afirmam como a guerra está numa relação de transformação com essas práticas que não mais são incursões para matar inimigos, capturar mulheres ou incendiar aldeias. O que ocorre é a reorganização dessa inimizade através de uma nova forma: o ritual (Costa 2022). A xinguanização teria se iniciado, entre outros fatores, a partir da mudança dos mestres do arco para os mestres da fala, cujas habilidades na luta ritual/arremesso de dardos seriam características essenciais. Características que, somadas ao domínio das flautas, das formalidades das posições cerimoniais, das pinturas corporais, em suma, o

bem-viver pela não-violência e o apurado senso estético (*atiütüü*), são vivenciadas ritualmente ante a atividade guerreira.

Entendemos os processos de codificação das práticas e ressignificação das armas como um acompanhamento, ao nível das técnicas corporais, do que os discursos rituais são nas relações entre os chefes rivais no plano regional. A ambiguidade como marca característica das relações de alteridade, destacando o convívio ritual num ambiente em que a guerra, ainda que metaforizada, encontra-se presente nos discursos proferidos, nas pilhérias que sacaneiam os rivais e nas artes marciais disputadas. É deste modo que entendemos a *kindene* e o *jawari* como práticas próprias ao contexto alto-xinguano, mas que, descortinadas pela pesquisa etnográfica, podem ser tomadas comparativamente a outras L/AM/MEC, buscando suas semelhanças e diferenças estruturais e conjecturais.

Importante ressaltar ainda, que tais transformações e suas novas configurações sociais partem dos domínios do corpo, num contexto em que a corporalidade passa a ser tomada como o idioma simbólico de referência, que trouxe uma “rotação de perspectiva” para a etnologia sul-americana. Por outro lado, o corpo é o objeto central para as análises sobre as práticas esportivas, consolidando inúmeras propostas.

Como afirmam Besnier e Brownell:

O corpo esportificado é objeto do mais intenso escrutínio: treinado, disciplinado, modificado, exibido, avaliado e mercantilizado, [ele] é o foco não apenas da pessoa que o habita, mas também dos espectadores, treinadores e “donos”. (Besnier e Brownell 2012: 444. Trad. nossa).

Entendemos que, em quaisquer das modalidades esportivas de combate aqui debatidas, o papel central do corpo e da corporalidade traz sofisticação à abordagem. Exatamente por evidenciar questões relativas à corporalidade que nem sempre tiveram a devida atenção, apesar do interesse que despertam em todos esses contextos.

Pacificação, codificação e ressignificação das armas

Agora que o panorama sobre as artes marciais no Alto Xingu está melhor balizado, vamos propor o exercício comparativo. Um dos trabalhos mais completos sobre o universo das lutas esportivas é de B. Gaudin (2009), em que pretende identificar o “estado da arte” dos estudos sobre as mais diversas L/AM/MEC.

São duas suas principais indagações: como se deram as relações entre o surgimento das modalidades e as questões nacionais, próprias a cada contexto; e quais os processos que levaram à codificação dessas artes marciais. Por codificação o autor se refere, *vis-à-vis*, aos processos que descrevemos sobre as transformações que levaram determinadas práticas a serem disputadas segundo limites pré-estabelecidos e de amplo conhecimento. Aqueles desencadeamentos que fizeram as lutas, os confrontos entre dois rivais, não mais terminarem com a morte do oponente, mas com a vitória sobre o adversário. Um conjunto de regras, técnicas, táticas, processos de ensinamento e aprendizagem que definem os limites dos combates, assim como sua estrutura espaço/temporal.

Isso significa que as transformações inerentes a cada uma dessas práticas, diferentemente a cada contexto, deslocam-se por processos de domesticação da violência e de transmissões dos conhecimentos técnicos e táticos dos combates entre determinados grupos de praticantes. As diferentes L/AM/MEC passaram, cada uma a seu modo, por transformações entre o combate real e o combate codificado, governadas por dispositivos de controle da violência, regras, treinamentos, mestres, controles externos:

Eufemização da violência, restrição e especialização dos gestos, quadro temporal e espacial específico, função auxiliar atribuída à atividade, controle por terceiros, treinamento específico: o compartilhamento dessas características comuns por todas as artes marciais, boxe, esportes de combate, luta e outros, permite que se unam no mesmo todo, constituam-se membros de um único grupo, de uma única família de atividades. Por falta de um termo melhor, esse grupo de atividades pode ser denominado "combate codificado". (Gaudin, 2009: 16. Trad. nossa).

Dentre essas características cabe mencionar a resignificação no uso das armas que deixam de ser letais para serem usadas no sentido competitivo ou mesmo artístico. Exemplos como a espada da esgrima na Itália renascentista que começa a ser ensinada aos jovens aristocratas, espadas que não mais são feitas para cortar, mas para tocar o adversário. O código de conduta bushido (caminho do guerreiro) e sua transformação na Era Meiji com o desarmamento dos samurais. Os bastões, ou mesmo os facões, usados como armas no maculelê, que ao passarem por esses processos de resignificações consolidam essa relação fluida entre jogo/esporte/dança que caracteriza a capoeira. Ou ainda, os dardos do *jawari*, que desde os tempos mitológicos devem ser atirados apenas na altura da coxa, para evitar golpes mortais.

Em todo caso, uma diferença se faz marcante dentre as L/AM/MEC que passamos em revista: tanto o judô, o boxe ou a capoeira demonstram um potencial expansivo incrível, saindo de seus domínios originais e ganhando o mundo – Falcão (2009) e Brito (2017) para a capoeira em tempos de globalização; Skidmore (1991) para o judô. Já no caso da luta alto-xinguana parece ocorrer o contrário, sendo que desde os tempos primordiais dos combates entre peixes e animais⁶, até os combates atuais que fazem outros povos virarem gente, é usada como princípio diferenciador de uma humanidade restrita aos grupos que dela participam: *kuge*.

Trata-se aqui de um processo inverso do que ocorre com a capoeira e com o judô: ao invés de expandir, restringe os grupos participantes e o universo relacional – elaborado através do sistema de convites e da relação entre convidados e convidados. Não há interesse em difundir a *kindene* para além de seus domínios e com isso os povos alto-xinguanos parecem saber claramente que detêm um “objeto cultural” cuja propriedade intelectual (e corporal) faz deles o que são em oposição aos outros grupos indígenas e aos brancos. Isto nos mostra como a *kindene*, e o *jawari* em outra medida, são mecanismos de interiorização da diferença. Apenas os grupos que compartilham dessa humanidade comum detêm os saberes específicos sobre elas.

De todo modo, a proposta é pensar no *significado* de dois oponentes abandonarem as armas e prepararem fortemente seus corpos para combater contra seus adversários, antigos inimigos. As artes marciais são meios de se comunicar conhecimentos não necessariamente escritos, mas inscritos nos corpos dos participantes que não mais se matam, mas duelam segundo um conjunto de regras, técnicas e estilos transmitidos pela tradição. E o faz explicitamente ensinando o abandono das armas, de maneira mortal, e enfatizando a preparação dos corpos, seja para multiplicar os adeptos ao redor do mundo, como sempre foi o objetivo de Jigoro Kano para o judô, modalidade olímpica de grande tradição, seja para delimitar o universo relacional, como os povos que detêm os conhecimentos sobre a *kindene* no Alto Xingu.

Poderia aumentar o leque de correspondências entre essas práticas em suas histórias de esportificação. As diferentes colorações dos cinturões e faixas que indicam graus ou níveis de habilidades técnicas, com demonstrações públicas para as trocas

⁶ Na mitologia de origem do *egitsü*, após uma longa epopeia narrada em três partes, as lutas finais acontecem entre peixes *versus* animais terrestres. Para descrição desses e outros mitos, Villas Boas e Villas Boas (1970). Para uma análise específica das lutas na mitologia alto-xinguana, Costa (2013: 250).

progressivas. Também o quanto cada uma delas conseguiu efetivamente pacificar os grupos em disputa – tema sempre de grande controvérsia.

Ou ainda, como as artes marciais são diretamente vinculadas a outras formas de arte, independente do contexto em que sejam praticadas. Essa aproximação permite antever a relação entre a domesticação e controle dos níveis de violência aceitos e os processos históricos vividos através da esportificação das práticas e da conjugação entre distintas formas de artes, cuja expressão maior se dá pelos embates corporais.

Contudo, e retomamos o problema central para finalizar, quais os significados destes combates resultantes do abandono e ressignificação das técnicas e armas em nome de um amplo universo artístico, capitaneado pelas fundamentais habilidades corporais? Aumentar os conhecimentos sobre os significados inerentes às artes marciais contribui não apenas para o estudo das práticas esportivas, mas também para a música, dança, pintura, isto é, para um programa antropológico que parta da corporalidade.

Considerações finais

Nas L/AM/MEC destacadas, as vitórias e derrotas não se reduzem aos combatentes individuais, mas compartilham glórias e fracassos com um grupo maior do qual fazem parte: o “tatame” do judô, a “casa” do chefe ou a “roda” do mestre. Ou seja, nos momentos propícios para os combates, os lutadores são partes de um coletivo, de um universo relacional, o que nos traz de volta às ideias basilares de Johan Huizinga sobre o *Homo ludens* e as relações de transferências das emoções e expectativas entre grupo e indivíduo.

No caso alto-xinguano, os povos com quem se convive são aqueles que aprenderam as supracitadas características, o ethos calmo e generoso, a beleza estética, com quem se relaciona vias matrimoniais, comerciais e cerimoniais. Povos que sabem as técnicas e táticas dessas artes marciais, entendidas enquanto cultura, conhecimentos tradicionais e propriedades intelectuais – nos termos que Carneiro da Cunha (2009) emprega para a expressão.

Portanto, entendemos as L/AM/MEC como contextos privilegiados para debater a *pax xingwana*, a xinguanização, seja através da estética, seja pela esportificação das práticas e delimitações de novas fronteiras da alteridade. Alianças e oposições que se reorganizam a cada ritual e sua instabilidade característica, relativizando a relação entre

guerra e paz e a manutenção de linguagens francas, como as trocas matrimoniais e o complexo xamanismo-feitiçaria. Através de ferramentas conceituais, como o idioma da corporalidade e as transformações entre guerra e ritual, os dados relativos às disputas por meio das artes marciais ampliam e dão polimento aos embates interétnicos.

Em continuidade, a proposta aqui foi trazer esse contexto específico e toma-lo relacionalmente a outros, através dessa relação entre práticas esportivas e as L/AM/MEC. As proximidades e diferenças apresentadas reúnem temas como pacificação, xinguanização, codificação, esportificação, todas categorias analíticas já trabalhadas para dar conta das relações entre determinados povos. Relações que, tal como pretendemos ter demonstrado, partem de um confronto entre dois oponentes, cujas habilidades técnicas e corporais são colocadas em disputas regradas por conhecimento mútuo, delimitadas por tempos e espaços, controladas ou não por terceiros e que se encerram sem a morte do inimigo, mas com a vitória sobre o adversário. Resultado que se transfere do plano individual para o coletivo, seja a casa do chefe, o ginásio do boxer, o tatame do sensei, ou mesmo as relações entre as nações nas vastas modalidades esportivas de combate que fazem parte do comitê olímpico internacional.

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO DA SILVA, Pedro. 1974a. Kwarîp: mito e ritual no Alto Xingu. São Paulo: EPU / EDUSP.

ALMEIDA, João Carlos. 2023. *Mistura musical alto-xinguana: o ritual mortuário e sua alegria a partir do Yawalapiti*. Tese de Doutorado (Antropologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BASSO, Ellen. 1973. *The Kalapalo Indians of Central Brazil*. New York: Holt, Rinehart & Winston.

BESNIER, Niko; BROWNELL, Susan (2012) Sport, Modernity, and the Body. *Annual Review of Anthropology*, v.41, n.1.

BRAGA, Geslline. 2017. *A capoeira da roda, da ginga no registro e da mandinga na salvaguarda*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, PPGAS/USP. São Paulo.

BRITO, Celso. 2017. *A roda do Mundo: a capoeira Angola em tempos de globalização*. Curitiba: Appris Editora.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 2009. *Cultura com aspas*. São Paulo, Cosac Naify.

- COELHO, Vera (org.), 1993, *Karl von den Steinen: Um Século de Antropologia no Xingu*. São Paulo, EDUSP.
- CORREIA, Walter e FRANCHINI, Emerson. 2010. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. Motriz, v.16 n.1. Rio Claro.
- COSTA, Carlos Eduardo. 2013. *Kindene hekugu. Uma etnografia da luta e dos lutadores no Alto Xingu*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- _____ 2020. “Política da reclusão: chefia e fabricação de corpos no Alto Xingu”. R@U, v. 12, n.1. <https://doi.org/10.52426/rau.v12i1.335>
- _____ 2021. “Practices of looking, transformations in cheering: alliances and rivalries in Upper Xinguan wrestling”. *Anuário Antropológico*, v. 46, n.2. <https://doi.org/10.4000/aa.8343>
- _____ 2022. “Artes marciais no Alto Xingu: mito, história e transformações entre guerra e ritual”. *Mana*, v.28, n.1. <https://doi.org/10.1590/1678-49442022v28n1a203>
- _____ 2023. “A luta esportiva nos rituais pós-funerários: corporalidade, chefia e disputa política no Alto Xingu”. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v.18, n.1. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2022-0019>
- FALCÃO, J. 2009. A internacionalização da capoeira. Revista Textos do Brasil, Ministério das Relações Exteriores, v.14.
- FAUSTO, Carlos. 2007. Entre o Passado e o Presente: mil anos de história indígena no Alto Xingu. Revista de Estudos e Pesquisas, v. 2.
- _____ 2017, “Chefe Jaguar, Chefe Árvore: Afinidade, Ancestralidade e Memória no Alto Xingu”. *Mana – Estudos de Antropologia Social*, v.23, n.3.
- GALVÃO, Eduardo. [1950] 1979. O uso do propulsor entre as tribos do Alto Xingu. In: Encontros de Sociedades: índios e brancos no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GASTALDO, Edison. 1995. *Kickboxers: esportes de combate e identidade masculina*. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- GAUDIN, Benoît. 2009. “La codification des pratiques martiales. Une approche socio-historique”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 4, n. 179.
- GREGOR, Thomas.1990. “Uneasy Peace: Intertribal Relations in Brazil's Upper Xingu”. In: J. Haas (org.). *The Anthropology of War*. Cambridge: Cambridge University Press, pp.105-124.
- GUERREIRO, Antonio. 2012. *Ancestrais e suas sombras: Uma etnografia da chefia kalapalo e seu ritual mortuário*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília.
- _____ 2015, “Quarup: transformações do ritual e da política no alto Xingu”. *Mana – Estudos de Antropologia Social*, v.21, n.2.
- HAYES, Paul. 2021. *The Wrestlers of Khartoum, Sudan: An Embodied Material Culture of Virility*. Tese de Doutorado, Australian National University.
- MENEZES BASTOS, Rafael. 1989. “Exegeses yawalapití e kamayurá da criação do Parque Indígena do Xingu e a invenção da saga dos irmãos Villas Boas”. *Revista de Antropologia*. v. 30/31/32.

- _____. 1993. “A Saga do yawari: mito, música e história no Alto Xingu”. In: M. Carneiro da Cunha; E. Viveiros de Castro (orgs.). *Amazônia: etnologia e história indígena*. São Paulo, Universidade de São Paulo. pp. 117-46.
- _____. 2001. “Ritual, História e Política no Alto Xingu: Observações a partir dos Kamayurá e do Estudo da Festa da Jaguatirica (Jawari)”. In: B. Franchetto e M. Heckenberger (orgs.). *Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. pp.335-357.
- OVERING, Joanna. 1977. “Orientation for paper topics” & “Comments”. In: J. Overing Kaplan (org.), *Social time and social space in Lowland South American societies*, Actes du XLII Congrès International des Américanistes (Paris), pp. 9-10, 387-394.
- PENONI, Isabel. 2010. *Hagaka: ritual, performance e ficção entre os Kuikuro do Alto Xingu (MT, Brasil)*. Dissertação de Mestrado, Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- SEEGER, Anthony, DAMATTA, Roberto A. e VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. 1979. “A Construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras”. *Boletim do Museu Nacional*, v.32.
- SKIDMORE, M.J. 1991. Oriental contributions to Western popular culture: the martial arts. *Journal of Popular Culture*, Baltimore, v.25, n.1.
- SOUTO MAIOR, Diego. 2020. *Jiu-Jitsu Brasileiro: Uma visão antropológica e cultural sobre a brasilidade da Arte Suave*. PVT Editora. Rio de Janeiro.
- TOLEDO, Luiz Henrique e COSTA, Calos Eduardo. (Orgs). 2009. *Visão de jogo. Antropologia das práticas esportivas*. São Paulo: Terceiro Nome/Fapesp.
- _____. 2022 “Transformações do torcer: esportividade do olhar e olhares sobre a esportificação”. *Ilha - Revista de Antropologia*, V. 24 N3. <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2022.e84360>
- _____. 2023. Jogar, lutar, torcer: olhares etnográficos sobre futebol e rituais ameríndios. *Etnográfica*, V. 27, N.1 <https://doi.org/10.4000/etnografica.12856>
- TURELLI, F. 2008. *Corpo, Domínio de si, Educação: Sobre a Pedagogia das Lutas Corporais*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- VILLAS BOAS, Orlando e VILLAS BOAS, Cláudio. 1970. *Xingu: os índios, seus mitos*. São Paulo: Círculo do Livro.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1979 “A fabricação do corpo na sociedade xinguana”. *Boletim do Museu Nacional, R.J.*, Nº 32.
- WACQUANT, Löic. 2002. *Corpo e Alma. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.